

# Dívida Externa Conceição acha que é hora de negociar

O Brasil está com caixa e por isso tem todas as condições de negociar até setembro um plano de financiamento da dívida externa mais favorável ou mesmo solicitar moratória para o pagamento dos juros, principalmente porque este é o ano da América Latina, disse ontem a economista Maria da Conceição Tavares durante a posse da nova diretoria do Sindicato dos Economistas do Rio de Janeiro.

Segundo ela, no entanto, "por uma verdadeira desgraça histórica, o País talvez perca a margem de manobra que detém até setembro, devido à confusão política interna e ao vazio de poder". Alguns brasileiros, comentou, chegam a temer que uma atitude de devedor soberano por parte do Brasil venha a fortalecer o Governo, levando o Presidente Figueiredo a prorrogar seu mandato por mais dois anos.

Para Conceição Tavares, que defende pagamento de juros com carência de cinco anos e taxas fixas de 7% ao ano, é triste perceber que até setembro essa margem de manobra, gerada por reservas de cerca de 2 bilhões de dólares, poderá não ser aproveitada. Após este mês, a situação ficará novamente muito difícil, porque começarão as negociações com os credores e os bancos internacionais e o Fundo Monetário Internacional vão tentar acabar com as reservas brasileiras.

— Podem, por exemplo, atrasar pagamentos e repasses de crédito para não dar folga ao País, provavelmente com o argumento de que as metas monetárias não foram atingidas. É mesmo uma loucura essa meta de expansão da base monetária de 50%, sobretudo quando o Brasil começa a acumular reservas — afirmou.

Na opinião da economista, o que caracteriza hoje a "confusão política interna, além da indefinição e a falta total de um projeto alternativo para o País, é a existência de três forças em conflito: a primeira é a do grupo Roberto Campos, Golbery e Maluf, que quer organizar a dívida, por ser um consenso no País de que a questão externa não pode continuar como está, mas aceita em troca abrir a economia; a segunda é a dos restauradores liberais, que consideram que tudo estará resolvido com a instauração das liberdades democráticas. A crise depois se resolverá sozinha. E a terceira força é a dos reformistas, que defendem reformas de base, nos moldes propostos nos anos 60.

Conceição considera que nenhuma dessas forças tem um projeto claro para o Brasil, mas apenas projetos defensivos quanto à crise.